

# Notas acerca da questão moral na Terapia Ocupacional ou correndo por fora da raia

"... o tipo de reducionismo que absolutiza aspectos particulares é responsável pela manipulação maciça das relações humanas. Esse reducionismo nos leva muito freqüentemente ao tipo 'antropotécnico e de bioética que tratam a pessoa como objeto' ". (Bernhard Haering)

**E**ste texto, que é mais de questionamento do que de respostas, visa trazer algumas idéias motivadas pelos debates, com alunos e colegas, ao longo desses anos em que vimos envolvidos com a disciplina Ética Profissional.

Indagar sobre a questão do juízo de valores expressos, na prática clínica do terapeuta ocupacional, naquelas tarefas que vinculam pacientes e terapeutas e toda a gama de conseqüências que delas se seguem, será a nossa tarefa.

Sob o ditame da racionalidade científica da sociedade contemporânea, na "afirmação desmensurada da objetividade, de que se exclui todo o significado humano" (NOGUEIRA, 1979), a dimensão *técnica* vem suprimindo a dimensão *moral* na busca por responder aos problemas do comportamento moral do sujeito humano.

Observamos a cada dia que passa as práticas terapêuticas (dos terapeutas ocu-

pacionais, dos médicos, dos psicólogos, dos fisioterapeutas) se assentando na afirmação da neutralidade técnico-científica. Mostrando claramente a transformação destas práticas em simples técnicas de intervenção da realidade humana, em práticas manipuladoras de dados e estatísticas do comportamento para adequá-los aos fins e interesses do sistema.

Em nossa prática profissional cotidiana, vemos os profissionais avaliando, nomeando, classificando e rotulando o comportamento dos pacientes sob os seus cuidados, com o propósito de melhor conduzir a chamada *ação terapêutica*. Através de um saber técnico-científico já constituído — que se encarrega de dar conta de um conjunto de conhecimentos sistematizados — isento de qualquer conteúdo de valores morais, portanto imune às influências do modo de produção ou formação social nos quais estão inseridos. Constitui-

---

\* Do curso de Terapia Ocupacional da FMUSP. São Paulo — Av. Dr. Arnaldo, 455 — 2º andar CEP 01246

---

se assim em procedimentos técnicos neutros, cujo único objetivo é adequar, normalizar, atingir o consenso.

Pautados, por um lado, na crença de que a totalidade da realidade é aquela fatia da realidade na qual se especializou, por outro lado, na falsa idéia de independência absoluta da intervenção profissional. Buscam nos limites da própria especialidade a compreensão do comportamento humano, ignorando (ou fingindo ignorar) que a própria fragmentação do saber (em especialidades) é um produto social, isto é, determinado pelas relações sociais, sobretudo pelas relações de produção.

É então, neste contexto de redução e absolutização dos problemas do homem concreto frente à multiplicidade de situações da realidade social, que o comportamento humano (em suas várias formas: político-econômica, social e moral) é transformado em mera questão técnica passível de intervenção.

No bojo desta questão cabe perguntar: qual o mecanismo de mensuração, de medida, utilizado por esses profissionais ao avaliar, julgar o comportamento humano? Essas medidas realmente prescindem do julgamento de valores morais? Como é possível uma avaliação — julgamento neutro? Não estariam as atitudes e comportamentos de seus pacientes sendo medidos a partir de seu maior ou menor risco para a ordem social vigente?

A essas perguntas Paulo Gaudêncio (1982, p. 24) nos aponta um caminho para a reflexão quando diz:

"A classificação vivenciada pelos pacientes na clínica psiquiátrica tem seu correspondente e fundamento num sentido social vago, generalizado e difuso, de que a vida instintiva dos homens possui — com efeito — representantes úteis e inúteis, benéficos e danosos, normais e aberrantes, utilizáveis ou extirpáveis, retificáveis, corrigíveis (...). Ao bom e mau do senso comum, responde a psiquiatria com a ilustrada codificação do normal e do patológico. Patológico porque socialmente danoso".

O que transparece dessas considerações é o atrelamento dos conceitos (cate-

gorias), de uma determinada prática científica, no caso a psiquiatria, aos valores morais que dada sociedade reconhece e pratica.

A este ponto, que nos parece central na consideração da dimensão ética da atividade terapêutica, prende-se outro não menos importante; trata-se da utilidade de um modelo fixo de normalidade, a quem serve tal modelo.

Partindo do princípio de que "as instituições se fundam num saber que tem força de lei e se apresentam como expressão da verdade" (id. *ibid.*, p. 58), e que esse saber "deve ser interiorizado nos comportamentos concretos" (id. *ibid.*, p. 58), temos então que um modelo fixo de normalidade vem de encontro aos interesses das manutenções destas mesmas instituições que necessitam de mecanismos para garantir o seu ideal harmônico. De tal modo que, a partir de um conceito fixo de normalidade, torna-se fácil detectar os desvios. O que não se adapta, não se ajusta ao modelo preconcebido, põe em risco a ordem e o ideal social harmônico, portanto é classificado de anormal.

"Nessa classificação moralizada, originada da transformação das diferenças em oposições, perde-se a possibilidade de considerar a existência da multiplicidade. A unidade passa a ser sinônimo de comportamento coerente, donde uma coisa ou outra..." (id. *ibid.*, p. 62).

Vemos então que esse modelo de normalidade, carregado de conteúdo ideológico e axiológico, serve de instrumento de reforço do sistema, para escamotear os conflitos.

Se, por um lado, sob o ditame da racionalidade científica, os comportamentos dos homens, que pressupõem juízos valorativos, sentimentos éticos ou posições morais, vêm sendo traduzidos por meras questões que os técnicos podem resolver, por outro lado, esquecem esses técnicos que:

"...aquém da brutalidade dessa invasão, dessa vertigem de progresso e de 'economia saudável', muito além da lógica (...) existe um reduto dentro do

ser humano, um território de ninguém, quase esquecido: a liberdade do homem, o seu poder de dizer: **NÃO**. (GOMES, )

Um não à coisificação do homem, um não aos abusos que vêm sendo cometidos pelas práticas calcadas nesse modelo que transforma o homem em objeto, em máquina de fácil manejo.

Estamos plenamente cientes de que ao resgatar ainda que dessa forma *demasiado*

*sumária* — e porque não dizer *imprudentemente ousada* — a dramaticidade da problemática moral da prática terapêutica, uma série de questões ficaram de lado. Entretanto, acreditamos também que se não houver uma atenção especial por parte dos profissionais da saúde, para as questões aqui apontadas, continuaremos a viver e reafirmar o mundo das belas mentiras. Como nos fala Lorenzon (1989): "... uma ilha de fantasias onde a razão racionalizante constroi belas teorias, cercadas de problemas cruciais de todos os lados."

---

## RESUMO

O texto surgiu das idéias motivadas com alunos e colegas e, a partir do nosso envolvimento com a disciplina Ética Profissional, no curso de formação de terapeutas ocupacionais. A preocupação central é levantar questões, do ponto de vista ético, que possam trazer à tona a dramaticidade da problemática do sujeito humano, que ao adentrar no contexto de saúde (como paciente) deixa de ser sujeito para ser objeto de fácil manipulação. Evidenciar essa dura realidade que vem sendo escamoteada pelo sistema social mais amplo, com o propósito de colocar *em xeque* a famosa mentalidade científica que tem respaldado a prática clínica dos terapeutas ocupacionais, é o nosso caminho.

**Descritores:** TERAPIA OCUPACIONAL/educação  
ÉTICA

---

## ABSTRACT

*This text has resulted from ideas motivated by pupils and colleagues, and beginning with our engagement in the Professional Ethics discipline, during the formation course — of occupational therapists.*

*The main preoccupation is to raise questions, from Ethic's point of view, that may bring to the same level the dramatization of the human being's problem, who, when enters into the context of health (as a patient) stops being a subject to become an easily manipulated object. Our way is to evidence this hard reality that has been pilfered by the broader social system with the intention of "keeping in check" the famous scientific mentality that has supported the clinical practice of occupational therapists.*

**Keywords:** OCCUPATIONAL THERAPY/education  
ETHICS

---

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- NOGUEIRA, J. C. 1979. Notas sobre o papel da ética, na formação do psicólogo. *Revista Reflexão*, Campinas, Instituto de Filosofia, nº 16.
- GAUDENCIO, P. e col. 1982. *A Morada da moral*(a questão da moral na psicologia), MG Editores, São Paulo.
- GOMES, M. E. A. S. 1981. A utopia radical de Rubens Alves: um estudo da obra "Filhos do amanhã". *Revista Reflexão*, Campinas, Instituto de Filosofia, nº 20.
- LORENZON, A. 1989. Questionamentos a uma ética supostamente universalista. *Revista Reflexão*, Campinas, Instituto de Filosofia, nº 45.